

BELLO SEXO,

PERIODICO

LITTERARIO E RECREATIVO.

*Il est doux de trouver dans une épouse chère
Des arts consolateurs qui sachent nous distraire.*

Casimir Bonjour.

TOMO I.

Numero 2. — Junho de 1850.

PERNAMBUCO,

NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1850.



O BELLO SEXO.

Sempre que se ha tratado d'essa fracção do genero humano, quér a exaltem com estudadas hyperboles, quér a opprimão sob o gravame de asquerosas calumnias, sempre grande parcialidade tem guiado o correr d'essas diversas plumas ; pois o louco orgulho do philosopho a tem rojado do seu verdadeiro assento, em quanto que o devanear do poeta a eleva muito além da esphera, que rasoavelmente lhe deve ser assignada. Mas illumina-la com os coloridos da lisonja, ou sobre ella derramar todo o fel do despeito, ou mesmo de hum misanthropismo especial, não importa conhecer-lhe a natureza, e com a precisa calma escrever a sua historia. He verdade, que dotado o homem d'huma organização mais rija, a sua constituição moral tanto se resente d'essa potencia consecutaria da fôrça, que desde o alvorecer da vida por intimo sentimento conhece haver no adyto de seu coração inoculados germens de predominio ; mas inda quando sejam divorciados esses germens da pureza primitiva em virtude das diferentes ramificações sociaes, não devem com tudo degenerar em o requinte do egoismo — n'esse revoltante exclusivismo — em consequencia do qual, todo vangloria, assume o homem o character de *ser por excellencia*, d'est'arte subvertendo a unidade fundamental, e a complexidade inseparavel de sua natureza ; que em as suas particularidades constitue o discrimen dos dous sexos.

E terá o homem seguido a natureza, observado a justiça, e guardado a deferencia devida á companhia que lhe destinou o Eterno — á essa porção da humanidade a que elle attribue a fraqueza sómente, que a faz por tanto credora em duplo das suas attensões ?

He realmente o inverso que a historia nos offerece na practica.

Mas examine-se despido de prevenção a legitimidade da excellencia a que o homem se arroga, estude-se essa exclusão arbitraria de que tanto elle se jacta, e ver-se-ha em ultima analyse que tal supremacia he toda chimerica. — A' seu dispôr tem o homem todas as condições exigidas pelo desenvolvimento moral e intellectual ; todos os desvelos, todas as lições de grandeza lhe são profusamente liberalisadas — a

mulher, pelo contrario, sem cultivo nas suas felizes disposições, falta de conveniente educação, deixada ao abandono, he por essa cruel negligencia presa da ociosidade, da superstição e de ridiculo desvanecimento, que produzem o triplice resultado de se oppôr ao seu desenvolvimento, de instillar-lhe n'alma a pusillanimitade, e de cortar-lhe em flôr as tendencias para a illuminação do seu espirito.

E he com tamanha desigualdade, e he com differença de condições tão manifesta, que se pretende provar a excellencia pelo homem tão preconisada?... Oh ! sim, essa disseminhança de recursos he muito eloquente.... prova muitissimo, mas contra o orgulho do homem !

Dê-se á mulher igual educação, com ella distribua-se os mesmos cuidados, applique-se-a aos mesmos fins, e conforme os effeitos d'ahi originados, com justeza se decidirá então ácerca d'esta materia.

Segundo o irrecusavel testemunho da historia, tem a mulher em todos os tempos sempre feito um papel em nada inferior ao do homem ; em todos os tempos tem ella sempre manifestado inclinação e capacidade para todos os exercicios academicos e militares. Quando os Egypcios, Gregos e Romanos enchião a terra com acções heroicas, vio-se sempre sobre ella figurarem mulheres d'hum merito transcendente — as Egypcias e Persas carregavão com todo o peso do governo domestico, quér interno, quér externo — Tomires destruia Cyro. -- Hestrina e Aspacia creavão Solon e Socrates com as suas lições -- Corina ganhava a Pindaro a corôa poetica por vezes que entrarão em competencia -- as Porcias, as Cornelias, as Octavias e as Sulpicias primavão em virtudes, talentos e bellas acções.

Ora, si não obstante a omissão de conveniente educação, si não obstante a parcialidade com que he tratado, o bello sexo não deixa aperceber a menor inferioridade intellectual, moral e physica, he evidente que a denominação de *ser por excellencia* lhe compete naturalmente, com preferencia ao homem ; o qual d'ella usando como apanagio, cospe sobre si mesmo a mais acerba ironia, faz a si proprio o mais cruel epigramma.

WITRUVIO.



A PROSTITUIÇÃO.

*Mulher ! que mixto horrendo és tu na terra,
Para unir crimes taes á tantas graças ?*

A. F. DE CASTILHO.

Vês aquella mulher merencoria, pallida, chorando lagrimas de fogo, que lhe escaldão o rosto?....

He a mulher prostituida !....

Ella voluntariamente se mergulhou no lodaçal do vicio.... commerciou com seu amor... vendeu suas graças... e o homem seductor as comprou... cuspio ainda a miseria sobre essa mulher, porque mesmo n'esse seu commercio de deshonra e aviltamento elle a enganou.... E depois d'essa mulher haver vendido seu corpo.... sua alma perdeu-se.... e a maldição do céu pesou sobr'ella.

E enquanto mesmo atravez da mascara da deshonor brilhava o viço da belleza, os homens se curvarão a seus pés.... solicitarão os seus favores... offerecerão-lhe ouro.... E ella — louca — se deixou fascinar pelo seu brilho, gozou d'elle.... tudo concedeu... e seu coração não palpitou.. não lhe disse: — Deixa esse ouro, pois que he elle o preço do crime — não: pelo contrario ella escarneceu d'aquelle, á quem julgou jungir ao carro de seus encantos.... despendeu esse ouro em enfeites.... e se não lembrou do futuro....

Mas quando o inverno da vida cubrio seu rosto de pallidez, apagou o brilho da mocidade, e gelou o ardôr dos primeiros annos, esses homens, que só se aproveitão do crime para viver a vida da devassidão, abandonarão-na.... e ella se encontrou solitaria.... a tristeza se apoderou de sua alma.... seus dias outr'ora mergulhados nos prazeres das orgias lhe corrêrão sombrios e pesados.... porém essa mulher ensaiou ainda enganar.... e enganou..

Mais logo suas faces se enrugarão.... seus cabellos alvejarão.... o fogo de seus olhos.... o ardor de seu coração.... a belleza de seu corpo... tudo... tudo fugio e morreu.

Então as privações entrarão em sua casa, e ella chorou.... de arrependimento?.... de vergonha?...

Não.... chorou de raiva e despeito por ver-se despreza-

da !... Porém ainda habitava uma casa ; vivia já, não a custa do crime, mas do suor de seu rosto — trabalhava. Surgio um dia.... faltou-lhe o trabalho e o pão, foi lançada fóra d'essa casa... chorou... vagou... mendigou... e mendiga...

Sentio o pezo da miseria....

Prostituida e mendiga !...

Lembrou-se então do passado....

Com as lagrimas nos olhos ella esmola a caridade dos que passam. Alguns, que a não conhecem, se compadecem .. Outros lhe lanção em rosto estas palavras :

-- Tu es uma prostituida !

Ella cáe acabrunhada pelo peso d'ellas, e diz :

-- Elles teem razão !

A prostituição he um crime, que fica estampado em caracteres indeleveis na fronte d'aquella, que o commetteu.... E os seculos clamão e clamarão :

-- Maldição á mulher prostituida !

J. C. Lobato.

EULINA.

*Ah ! que ledo já fui, e tive crença
No amor da mulher ! julguei que a rosa
Em botão virginal não tinha espinhos.*

João de Lemos.

Eulina, já esqueceste o nosso passado, quando os nossos amores plantarão-se, nascêrão e vegetarão ? ! Já esqueceste aquella bella noite, quando a pallida lua mais pejo prestava á tuas faces, que já erão de pejo ; quando teus tremulos labios pronunciarão pela primeira vez as doces expressões do amor ? ! Já esqueceste, emfim, aquelles sitios, onde eu te esperava ao bello crepusculo da tarde para com o forte amplexo, demonstrar o apeto, que soffria meu coração, pelos liames do vigoroso amor da juventude, e para com os temerarios beijos demonstrar o fogo de minha alma ? ! Sim, tudo já esqueceste !... porque houve tempo, e houve ausen-

cia : o tempo teve mais forças do que tuas forças -- venceu-te ; e a ausencia riscou da tua memoria as ultimas lettras do meu nome.

Mas, eu, Eulina, sempre via a lua reflectir em tuas faces ; o crepusculo -- hora de amor ; os sitios -- testemunhas dos prazeres ; e o adeos -- tão cheio de lagrimas.... expressão de uma esperança ; eu tudo via, porque o tempo não pôde vencer minha constancia, e nem a ausencia riscar de minha memoria as douradas lettras de tuas promessas.

Ah ! mulher, que fôste a primeira a dar-me a doçura do amor, e a primeira a dar-me o fel da infelicidade. Eu tambem vou esquecer-te, -- vou vencer em um momento o que não poderão os alongados annos.

Mulher, tu tens em teu coração os remorsos para punir-te, e eu tenho a pureza de consciencia para consolar-me.

Fica-te, que como *mariposa* has de encontrar o fogo para devorar-te.

L. B.

A AMABILIDADE.

Compartir igualmente dos prazeres e das penas do homem, viver por elle e só para elle, usufruindo de commum o seu poder sobre o universo, taes fôrão no plano da criação os fóros assignados á mulher, de sorte que por meio d'esta admiravel promiscuidade dous seres dotados de dous pensamentos tinham huma só vontade, harmonica e sempre uniforme ; d'onde provinha essa affectuosa intimidade, essa dôce e infavel união, que a Adão e Eva no Eden communicava huma unica faculdade para sentir a felicidade. Mas após a transgressão do preceito divino, com o peccado, foi a mulher exautorada do sublime apanagio da igualdade primitiva, despertando no homem o castigo de Deos os instinctos de dominação. -- Tu serás companheira do homem, disse Deos a mulher segundo as santas Escripturas ; serás não sómente subordinada á vontade de teu esposo, como tambem ás suas paixões e caprichos. Elle exercerá sobre ti a superioridade natural de seu sexo, e huma dominação continua. »

Eis ahí fracturada a mystica cadêa da angelica concordia entre elles havida -- eis ahí inclinado para o homem o fiel da balança, desfazendo todo o equilibrio preestabelecido !

E providencialmente vio-se para logo a mulher oppressa debaixo da tyrannia do homem : e, armada de heroica resignação, cheia d'essa inalteravel paciencia que lhe he peculiar, como as victimas coroadas do gentilismo, ella completa a sua missão sobre a terra.... soffre, e cede áos golpes d'aquelle que só amor e defensão lhe devera !

E pois, destinada á obediencia d'hum ente cuja imperfeição á cada passo lhe da á beber no calix do soffrimento o absinthio dos desgostos, submettida ao poder do homem, que quasi sempre superabundando em faltas ou mergulhado no lodaçal dos vicios, d'elle abusa sem nenhuma generosidade, a mulher bem cêdo deve conhecer, que he a *amabilidade* a primeira e mais importante qualidade ; que pôde adornar as graças naturaes da belleza feminil.

Com effeito, por virtude d'este predicado, a mulher ainda na submissão do estado de captiveiro sabe attrahir, e a seu turno lança ferros ao coração do seu dominador — contra a magia d'este divino predicado embotão e rapidos desaparecem os assomos da voluntariedade dando lugar a união e harmonia, verdadeira alavanca da vida domestica — he emfim a *amabilidade* quem sempre faz nascer o palpitar amoroso n'hum peito de homem.

Oh ! quanto não he agradavel, doce e animadôra para o homem alquebrado de fadigas, ou cheio de dissabôres, a *amabilidade* da esposa, que toda sobre elle se diffunde impregnada de divinos effluvios, á semelhança do orvalho da manhã espalhado pela terra lhe dando novo vigor !...

Mas a *amabilidade* não suppõe a exclusão da moderação e modestia, estas devem servir-lhe como de moldura, em cujo centro fulgure ella como hum reflexo de brilhante sol em formoso dia de outono ; porque desfavoravel he sempre o conceito formado ácerca d'aquelle, que abusa d'este encanto admiravel, ainda quando externamente não seja revelado.

Ah ! evite sempre a mulher este terrivel escólho, busque harmonizar sempre a sua *amabilidade* com a moderação e modestia, que no coração do homem terá hum throno erguido ás suas virtudes.

WITRUVIO.



ROMANCE.

AS DUAS AMADAS.

*Amor não tinhas, venturosa foste,
Amor te inflamma, desgraçada vives.*

A. F. de Castilho.

I.

Era uma bella tarde. Na margem direita do rio Itapicurú, na provincia do Maranhão, até então ainda não sujeita aos Francezes, quando ainda não haviam elles perturbado a paz das tribus, que felizes em os seus selvagens costumes, habitavão as suas matas, sentados debaixo de uma verde e copada mangueira, e amorosamente entretidos se achavão um cabôclo e uma cabôcla. *Amanajós.*

Itaguyra, donzella em sua tribu, formosa d'entre as mais bellas, altiva e ardente como uma corsa, havia arrastado o amor de muitos da sua tribu. Muitos guerreiros havião invejado um volver de seus olhos, e ambicionado, como a protecção de *Tupá*, um sorriso de seus labios.

Itaguyra se achava feliz em sua independencia: filha das selvas, se cria tão livre como ellas, e como ellas tão rude. Mas uma vez, quando voltavão os guerreiros de sua tribu de combater, e vencer seus inimigos os ferozes *Juruúnas*, entre todos vinha, mais que outro ufano, um que á sua cinta trazia não poucas madeixas inimigas — em seu carcaz não havião flechas, que todas empregara — seu arco era partido, que tanto era o vigor do punho que o havia entesado — emfim Tapy havia alcançado vencer os seus inimigos, e assim libertar sua tribu e receber a benção de seus velhos.

Itaguyra o havia visto; a virgem dos bosques sentio o seu coração palpar com força... e ella amou...

— Sentes tu, minha Itaguyra, o frescor destas aguas?... Assim são frescos os teus labios.... um teu beijo abrandando tanto o fogo que me arde dentro do peito, como uma gota desta agua mitiga a sede do guerreiro que volta dos combates... Amas-me tu?!...



— Tapy, se te amo!... Não fui eu a que primeira me lancei ao teu encontro?... Não forão os meus lábios que primeiros pronunciarão alguns sons?...

— Sim...

— E duvidas tu ainda que....

— Perdoa-me.... perdoa-me; mas tantas vezes depois que te amo tenho tremido.... tantas vezes tenho chorado... Olha, Itaguyra — se tu me traïsses eu não sei o que faria....

E os olhos do cabôclo se fixarão sobre o rosto de sua amada, procurando ler nelle um signal... algum estremeccimento... porém impassiva como uma estatua, nem um só musculo seu se contraio... nem o mais leve estremeccimento percorreu por seus membros. Itaguyra era filha das matas — o sangue que lhe enchia as veias era ardente como o clima do seu paiz — o bronzeado do seu rosto se enrubeceu, não de medo... não de pejo, porque não havia de que...

Itaguyra era orgulhosa, via a seus pés agrilhoados o mais valente guerreiro de sua tribo.

E por certo tinha de que ser orgulhosa...

Tapy era entre os seus o mais temido...

Houve longo silencio.

— Escuta, Tapy, — lhe disse Itaguyra com voz meiga, que para logo fez desaparecer essa ferocidade que por alguns momentos brilhou nos ardentes olhos de Tapy: tu bem sabes quanto eu te amo.... tu temes que te eu troque por outro!... E se eu agasalhar em meu peito igual receio... se eu tambem temer que tu por outra me esqueças?...

Tapy abaixou os olhos, e ella proseguio.

— Tu bem sabes que eu nada temo... Tapy... Tapy, es tu firme?!....

— Itaguyra!

— Tapy!....

— Basta....

— Não. Tu amas a Paraúna.

— Não.

— Tu não dizes a verdade...

— Tupá me escuta.

— Mentas, Tapy, mentas...

E Itaguyra lançou-se sobre elle, e do cinto lhe arrancou um bracelete de pennas que elle ahi occultava.

Tapy de um pulo se poz de pé, feroz e ameaçador...

E um grito nesse momento, escapado proximo delles, estrugio pela mata..., echoou longe... e perdeu-se....

II

Algum tempo depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, em um tejupaba 1) construido de taquaras, e coberto com a pindoba, deitada em uma rede feita do filamento do croatá, se achava uma mulher.

O seu olhar fixo e melancolico, as lagrimas que de vez em quando lhe vinhão humedecer as negras pestanas, — um sorriso triste, amargo e pungente que as vezes, como a medo, errava em seus labios — os suspiros que ella arrancava do imo do peito... tudo isto indicava profundo e vehemente seffrer d'alma.

Paraüna, pois, soffria... soffria grande dor, porque havia escutado as palavras que proferira Tapy, e esse grito que tão estranhamente cortou a conversação entre este e Itaguyra foi seu. Porque Paraüna occulta escutava o que fallavão os dous.

Havia muito que ella amava a Tapy, porém nos ultimos tempos começou a conhecer a frieza com que seus extremos erão recebidos... e por isso silenciosa e resignada seguia sempre aquelle que amava e que a atraçoava.

Junto a rede, onde era Paraüna, um guerreiro bello, forte e feroz, apoiado em seu tacape (2) com o carcaz ás costas, mudo contemplava a essa mulher de fórmias vaporosas, esse corpo delicado e abatido com a força do soffrer.

Tarajára, irmão de Paraüna, esperava uma palavra della para partir ou ficar, e a conversa por algum tempo interrompida, de novo continuou.

— Então, minha irmãa? ...

— Não, lhe respondeu Paraüna com debil voz.

— Não?! ...

Tarajára calou-se acabrunhado pelo peso da ultima palavra de sua irmãa; levou a mão aos olhos, talvez para enchugar algumas lagrimas, e continuou com voz lugubre e pausada.

— Não—minha irmãa?... Sabes tu que embora não assintas, he mister que eu me vingue a mim e a ti?.... quando não, Tarajára não mais poderá apresentar-se entre os guerreiros de nossa tribu com a fronte erguida; porque elle deixou que sua irmãa soffresse sem ter animo de fa-

(1) Este era o nome que os indigenas davão ás suas habitações.

(2) Espada de páo-ferro usada pelos mesmos.

zer cessar os seus soffrimentos. Paraüna, sabes tu o que me ordenas?... Paraüna, queres-me tu infamar?!...

— Meu irmão!...

— Sim, minha irmãa, he mister que Tapy me pague a divida que contraio para com tigo... Tapy enganou-te... : he um infame.

— Tarajára!...

— He mister vingança.

Havia já muito tempo que elle luctava com sua irmãa. Tarajára exigia o seu consentimento para vingar-se, porém sempre intencionalmente resolvido a satisfaze-lo, embora a opposição de Paraüna; porque os cabôclos considerão a vingança como justa e até mesmo necessaria, e o seu pouco desenvolvimento das faculdades intellectuaes não lhes deixava conhecer o horror della.

— Meu amado irmão—não te lembras que mais de uma vez tu e Tapy dormistes na mesma rede, e comestes na mesma *cuiu*?

— Lembro sim.... ainda mal que me lembro.

— Pois então queres tu....

— Matar esse homem—Sim, eu o quero, Paraüna... e elle morrerá...

— Tarajára!... impetrou Paraüna com voz debil e supplicante.

— Agora tambem te eu digo—*não*.....

Neste momento uma cabôcla entrou veloz pelo *teju-paba*, dirigio-se á Paraüna, que mal a encherrou, de um salto saio da rede... correo a ella... porém debil como estava, em meio de sua carreira soltou um grito e caio...

Tarajára correu á sua irmãa.

Itaguyra, pois era a que acabava de entrar, ficou petrificada.

Tarajára ajoelhou junto de Paraüna, poz a mão sobre seu coração, conheceu que palpitava, e fazendo um signal a Itaguyra, esta se aproximou medrosa.

— Cuidai della, disse elle com voz forte.

E desapareceu.

III.

Terrivel e tormentosa caio a noite. Os trovões achando echo nos bosques rebombavão terrivelmente—a chuva se precipitava com violencia, e o vento forte soprava o cume das arvores fazendo-as dobrar-se ao seu poder, e abalava os miseraveis *tejupabas* dos cabôclos.

Paraüna, prostrada de forças, sentada sobre um gros-

seiro banco com o rosto descansando em os seus punhos, chorava — e as lagrimas que se deslisavão em fios ião cair gota a gota sobre o seu coração.

Itaguyra em pé, com os braços pendidos, muda, tetrica, e grandiosa em seu soffrer, fixava a Paraüna enternecida; e algumas vezes uma lagrima vinha-lhe até os olhos, mas que para logo era engulida.

Era bello e terrivel ao mesmo tempo de ver-se estas duas mulheres derrubadas pelo mesmo golpe — o amor.

Uma amava com todas as forças de sua alma, como só pôde amar uma Brasileira — com um amor intenso, abraçador e duradouro.

A filha das selvas amava rude, mas violentamente — Paraüna, só cuidosa de seu amor e da sua desgraça, estava mergulhada em uma lethargia impossivel de descrever.

Outra abrazando-se em um amor tambem violento, mas ambicioso e ciumento, estava petrificada, porque differentes sentimentos a opprimião. Itaguyra amava a Tapy — porque fôra elle o primeiro que havia feito palpitar seu coração; odiava-o porque tão vilmente a havia traído. Lamentava a Paraüna porque meninas sociarão em os seus folguedos, e a via agora tão acabrunhada, senão quasi morta: odiava-a porque n'ella via uma terrivel rival.

O raio caía lá fóra — o tufão abalava os *tejupabas*, e fim a natureza toda parecia em lucta.

Só tres entes erão indifferentes a todo este luctar.

Paraüna e Itaguyra que nada sentião e Tarajara que, carregado de suas armas, com o amargor no coração e o rancor nos labios, se conservava mudo, quedo, recostado no umbral da porta de um *tejupaba*, com os olhos fixos na terra: parecia uma estatua, postada para de longe intimidar a aquelle que a visse, se não reparasse em um nervoso estremecimento que de vez em quando percorria por todo seu corpo.

Deixemo-lo com o seu mysterio, e tornemos ás nossas heroínas.

Havia muito tempo que guardavão um profundo silencio, só interrompido por alguns abafados gemidos.

Itaguyra foi a que primeira o rompeu, pronunciando a custo e com medo a palavra — Irmãa. —

Paraüna estremeceu, e Itaguyra repetio em voz baixa: — Minha irmãa?

O silencio foi a resposta, que ella teve.

Itaguyra lançou hum olhar repassado de ternura sobre Paraüna, e suas lagrimas silenciosas se deslisarão por seu rosto — chorou . . .

Paraüna conheceu, levantou a cabeça, fixou-a por al-

guns momentos, abriu os braços e caio nos de Itaguyra proferindo :

—Minha irmãa?... .

Ellas se conservarão estreitamente unidas por algum tempo.

— Onde está elle ? perguntou Paraüna em fim.

— Sahio.

— Ha muito ?

— Sim.

— E Tapy ?

Essa palavra como si fôra magica, fê-las estremecer — ambas recuárão, olhárão-se e tornárão-se sombrias e silenciosas.

E o raio caia lá fóra — o tufão abalava os *tejupabas* — em fim a natureza toda parecia em lucta.

— Minha amiga, tu soffres muito, não he assim ?

— Muitissimo, balbuciou Paraüna.

— E tambem eu.

— Tú ? !

— Sim, eu ; porque...

Um nome lhe ia escapar dos labios — e ella calou-se.

— Acaba...

— Porque Tapy...

— Está morto ! proferio um homem que neste momento entrava coberto de sangue, terrivel e ameaçador.

As duas mulheres correrão a elle... porém em meio de sua carreira pararão, exclamando ao mesmo tempo :

— Morto !...

— Sim, morto ! respondeu Tarajara, pois era elle.

E o raio caia lá fóra — o tufão abalava os *tejupabas*, — em fim a natureza toda parecia em lucta.

(*Continua.*)

J. C. Lobato.

PEDIDO.

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadeias d'amor me pozeste,
Não me fujas, não leves-me a vida,
Não me roubes o bem que me déste.

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso deixar de te amar;
Só contigo intendi a existencia,
Quero á campa contigo baixar.

São ligados os meus á teus dias,
Como ao calice as folhas da flor;
Não consintas que a flor se desfolhe,
Ah! não quebres os laços do amor.

Em teus olhos azues, como o céu,
Bebo o ar que respiro, ó querida;
Não me negues a luz de teus olhos,
Não me fujas, não leves-me a vida.

Não arranques de um'alma que te ama,
O p'raizo que a ella trouxeste;
Não me mates as minhas esp'ranças,
Não me roubes o bem que me deste.

J. DA C. RIBEIRO.

A FLOR MARINHA.

I.

O negro cume ergue ao ar
Um rochedo carcomido,
Á seus pés se enrosca o mar
Espumando enfurecido.
He immovel sentinella,
Que encara tôrva a procella;
Da onda surda ao gemido,
Surda ao grito do trovão.
Rugando a testa ao rochedo,
As eras passando vão.

Uma flor candida e bella
D'uma fenda do rochedo
Pende triste... He pena vê-la
Na hastezinha com medo
Pela onda ameaçada ;
He pena vê-la inclinada
No negro abysmo do mar
Encarando o sovedouro,
Vendo em sustos deslisar
Sua bella idade de ouro.

Coitadinha !... se ella avista
Ligeiro brigue voando,
Se ella avista a jangadinha
No mar ao longe pescando,
Quer gritar... não pôde... he muda !
Ninguem ha que á triste acuda,
Que acenando move a frente !
A velinha vai fugindo,
E na linha do horisonte
Vai o brigue se sumindo.

II.

Grita ao longe o vendaval,
Sopra rijo a ventania,
Geme a flor no temporal,
Vai de encontro á penedia...
Ei-la de andrajos coberta
Antolhando a morte certa.
Não tem da briza o bafejo,
Como a tenra flor do prado,
Nem do orvalho o terno beijo.
He o mar que a cospe irado !

Qual donzella meiga e pura
Orphãa, só, sem protecção,
Innocentinha entre as vagas
Do vil mar da corrupção,
Que infeliz no seu amor
Ouve a voz do seductor...
Nos andrajos da miseria
O alheio fausto admira,
Cora mil vezes... por fim.
Do mundo ás ondas se atira :

Assim a flor do rochedo,
Na vergontea já partida
Da vaga escuta o enredo.
Sente a onda enfurecida
Espumeo braço estendendo...
Os sentidos foi perdendo,
E depois de atroz penar,
Sem amparo, coitadinha!
Caio... morreu... E o mar
Engolio a *Flor Marinha*.

M.

O AMOR INFELIZ.

(No Album do meu amigo J. F. da S. Quintanilha Junior.)

I.

Formosa flor nacarada
N'um vergel desabrochou,
Das auras tão festejada!
Entre espinhos vegetou.

Novos encantos lhe dava
O orvalho matinal,
Ella então doce exhalava
Grato cheiro perennal.

Porém nasce o sol e cresce,
Toca no céu o apogeo;
Ei-la que já desfallece...
Oh dor!... a triste morreu!...

II.

Semelhante á essa flor,
D'amores vida vivi;
Padeci, mirrou-me a dor...
Como ella eu succumbi!

Eu amei e fui amado
Por Zulmira, meiga e bella...
Meu amor foi desprezado
Por essa cruel donzella!

III.

Tal he, Josino querido,
Minha triste posição:
O peito tenho ferido,
Morto tenho o coração!

WITRUVIO.

BELLA.

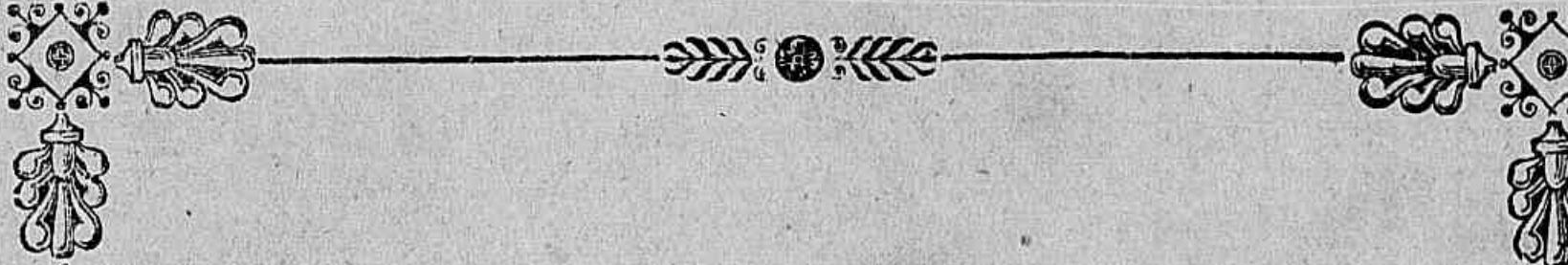
Tu és linda como a rosa,
Como a rosa rociada;
Tu és bella como he bella
A serena madrugada.

Tu és terna como he terno
Doce toque d'alvorada,
Tu és meiga como he meiga
A rolinha inviuada.

Tu és pura como he puro
Do innocentinho o amor,
Tu és casta como he casta
A habitação do Senhor.

Tu és leda como he leda
A manhã alvi-nitente,
Tu és chara como he charo
Da noite o astro luzente.

J. F. D. Junior.



CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

O BELLO SEXO, destinado especialmente á diversão d'aquella fracção do genero humano, cujo nome o adorna, he publicado pela sua respectiva associação mensalmente, em livrações de 12 a 16 paginas no formato de oitavo portuguez. A sua assignatura he trimensal pela quantia de 1/000 rs., pagos á entrega do primeiro numero.



RECEBEM-SE ASSIGNATURAS :

No Recife, na livraria do Sr. M. F. de Faria.

Em Olinda, em casa do redactor.

